



# reforma eclesial

*Ecclesia semper reformanda*

**S**empre houve reformadores: tanto civis, que propunham projetos a reis e governantes, com vista à melhoria do estado da nação, como também religiosos. Como exemplos atuais, podemos citar alguns mais profundos e radicais, cheios de boa vontade: **Yves Congar** (+ 1995), **Víctor Codina**, sj, **John Shelby Spong** (episcopaliano e bispo emérito de Newark/USA, **José María Vigil**, CMF, a **Comissão Teológica Internacional da EATWOT/ASETT ...** e o **papa Francisco!**

### **“Para vinho novo, odres novos” (Mc 2, 22)**

O lugar-comum de que estamos numa mudança de época, uma mudança de paradigma, penetrou já em todos os meios e camadas sociais. Tanto na sua visão pessimista como otimista. Nesta conjuntura, talvez que a única forma de abrirmos caminho à novidade criadora do Reino de Deus seja pôr fim a tudo o que alimenta uma religião caduca incapaz de gerar a vida que Deus quer introduzir no mundo. Nunca deixando de respeitar os que, na teoria ou na prática, continuam presos a formas do antigo paradigma

Embora o deixar-se despir completamente para vestir a “nova condição humana” seja duro e produza em nós insegurança e vertigem. Sobretudo se se viveu inserido em determinadas práticas desde criança. Sobretudo após séculos a repetir, reiteradamente, os mesmos dogmas, gestos e fórmulas. Sobretudo se a nossa vida decorre entre algo considerado “sagrado”. Mas não há outra saída.

Mas também não se pode mudar a golpes de “gong”. “*Natura non facit saltus*” – proclamavam os escolásticos.

### **Duas mudanças prévias (com elas fica resolvido 99% do restante):**

1º- Regressar às fontes cristãs; recomeçar o caminho a partir de Jesus de Nazaré. Sem esquecer nunca as intuições dos Padres da Igreja e dos Santos. Sem nunca renunciar ao imenso oceano de obras de arte de conteúdo e inspiração cristã.

Façamos uma lista dalgumas possíveis transformações necessárias. Serão um fracasso se não forem precedidas de uma mudança de atitude, uma mudança de mentalidade. Noto que se fazem homilias, se proferem conferências, se escrevem artigos e livros ... imbuídos da mentalidade dos séculos passados. Deste modo irá continuar tudo na mesma, se excetuarmos alguma criatividade pontual ou pequenas alterações cosméticas. Hoje em dia, as novas ciências – sobretudo a física quântica, a cosmologia, as ciências do conhecimento – dão respostas mais adequadas às grandes questões do homem do que a religião. Torna-se necessário um novo diálogo religião/ciência.

\* É imprescindível desmontar todo o esquema de dogmas, mitos, sacramentos, fórmulas, gestos ... e recomeçarmos tudo a partir do núcleo do cristianismo: Jesus de Nazaré, a sua vida e as suas atitudes; de Deus tal como ele é (Pai/Mãe), com base no seu projeto (o Reino). Sabemos que irá ser difícil, após um milénio e meio

a deixar-nos ir ao fundo. Mas trata-se duma condição *sine qua non*. O que temos perante nós, neste momento, não é o tronco, mas extensos ramos e galhos. Regressemos ao tronco.

2º- Desterrar de facto, para bem longe, o clericalismo: tal como sucedeu com Jesus de Nazaré, com os Apóstolos e com Paulo, não tem de existir qualquer “ordenação sacerdotal”, mas antes uma “atribuição ministerial”. Não se encontra em nenhuma parte do Novo testamento nem o sacerdócio sacramental, nem o sacerdócio comum dos fiéis propriamente ditos. O clericalismo – ao invés do sonho de Jesus – transformou-se na sida e no cancro da Igreja. Basicamente, todos nós somos leigos, pessoas iguais entre si, filhos de Deus. Nem faz qualquer sentido o dualismo profano/sagrado.

### **Algumas reformas concretas (evidentes; sem comentários):**

- Desmontar o mecanismo do ministério petrino.
- Que o Papa deixe de ser Chefe de Estado.
- Desconfiar do poder sagrado da Igreja.
- Acabar com resíduos históricos que já tiveram a sua utilidade, como núncios, cardeais...
- Que o povo participe na eleição dos bispos.
- Remodelar a colegialidade episcopal, que hoje não passa de um *verbo de encher*.
- Que a Congregação para a Doutrina da Fé aplique os direitos humanos no seu trato com os teólogos.
- Abrir-se à lógica da “ordenação” de casados e ao celibato voluntário.
- Reconhecer os direitos humanos da mulher na Igreja: “ordenação”, etc.
- Contribuir para a promoção dos leigos através da formação e da autonomia.
- Respeitar os carismas da vida consagrada: religiosas, presbiterais...
- Dar, humildemente, novo incremento ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso.
- Transformar completamente o formato “missa” e o seu sentido.
- No campo da sexualidade e género, lutar pela defesa dos grandes princípios, deixando-se de aspetos casuísticos que pertencem mais à consciência das pessoas e às ciências.
- Renovar a linguagem eclesial, anacrónica, repetitiva e fora de moda. Desta forma torna-se impossível a comunicação.
- Etc, etc.

“As novas tecnologias e as alterações fundamentais superam o paradigma religioso do neolítico, centrado no presbítero, no templo e no sacrifício” (Codina, V. (2014). Revista Latinoamericana de Teologia/31, p. 281).

**José Antonio Revuelta.** Religioso (Irmãos de La Salle).

**“A grande preocupação de Jesus não era se as pessoas pecavam mais ou menos, mas se tinham fome ou estavam doentes”, afirma José María Castillo**

**“Por que razão o Vaticano não subscreveu os acordos internacionais para a aplicação do Direitos Humanos?”**

A reportagem é de JESÚS BASTANTE, publicada por *Religión Digital*, 13-12-2016.

O ato, que serviu para apresentar o livro do teólogo **“LA HUMANIDAD DE JESÚS”** (Trotta), superou as expectativas: todos os mais de trezentos lugares da sala estavam ocupados, por pessoas ansiosas por ouvir Castillo, um dos pais da Teologia Popular, e cujos escritos são essenciais para compreender o “modelo Francisco”. E, pela primeira vez desde há muito, o editor teve de colocar sobre a mesa o cartaz de “tudo vendido”.



Após a abertura de Fernando García de Cortázar, sj., e depois de uma extensíssima apresentação de Reyes Mate, Castillo foi direto ao assunto, distinguindo **“duas formas de fazer teologia: a dos Evangelhos e a de Paulo”**. Em sua opinião, **“a dos Evangelhos é uma teologia narrativa, enquanto que a de Paulo é uma teologia especulativa, porque parte de ideias sobre a religião, o pecado, a salvação e o ser humano”**.

Esta dicotomia acabou por marcar a evolução do Cristianismo, no Ocidente, desde praticamente o surgimento da Igreja. Para Castillo, **“é um facto que as relações entre o divino e o humano, na história da Humanidade, sempre foram difíceis, complicadas, tensas e, por vezes, conflituosas e até violentas. Foram e continuam a ser”**.

Verifica-se, assim, um **“conflito entre o desejo e a proibição com origem no divino”**, e que penetra na intimidade das consciências, desencadeando sentimentos de culpa. **“Se tal não existisse, aos psiquiatras e terapeutas só lhes restava ir para o desemprego”** disse o teólogo no meio dos sorrisos dos presentes.

No caso do Cristianismo, **“esta tensão acentua-se mais ainda, dado que o seu núcleo é Jesus Cristo, que a nossa fé afirma ser perfeitamente divino e perfeitamente humano”**. **“Se a nossa fé em Jesus fosse como deve ser - explicou Castillo -, a fé em Jesus teria que ser a presença em nós do divino, que nos deveria levar a pensar e a viver o que é humano, numa forma mais plena e coerente. Assim, haveria harmonia, gozo, prazer, felicidade”**. Mas, se pelo contrário, **“a nossa fé em Jesus for vivida como a presença, em nós, do humano, isso deverá levar-nos a pensar de forma plena e coerente no divino”**. Das duas uma? **“As coisas, porém, não funcionam assim”**, disse Castillo.



O grande problema está, pois, **na forma como falamos de Deus**, no modo como o definimos, se isto é porventura possível. **“Quando falamos de Deus, estamos a falar do transcendente, e o transcendente, por definição, é aquele que não se pode conhecer. Se tentarmos conhecê-lo, só o poderemos fazer objetivando, e coisificando. Algo mentalmente elaborado, e será isso porventura Deus?”**.

Mas, mesmo concedendo esta possibilidade, **“como é possível harmonizar um Deus infinitamente bom e poderoso com este homem e este mundo que temos diante de nós? Não há solução para tal. Não existe”**. E se não há solução, então ocorre-me perguntar. **“Será que Deus quer...”**. **“Como é que tens a certeza disso? Quem to disse? Se comesças a tentar explicar-me Deus, é sinal de que ainda não estás convencido do que Ele é, ou de que não aceitas o transcendente. A partir daí, tudo o que fizeres não passa numa representação, e é isso que as diferentes religiões fazem”**, explicou o professor.

Que solução encontrou o cristianismo para este problema? **“A solução foi Jesus, que é a explicação do que nós podemos saber e conhecer. Isto é, precisamente, o que diz o Evangelho de João: a Deus nunca ninguém o viu. É um ato de fé. Então a chave passa a estar na forma como vivemos esta fé”**, destacou Castillo.

E onde está Deus? Castillo recorreu ao Evangelho de João para explicar que Deus

está em Jesus, nos seus atos e palavras. **“Vendo como Jesus atuou e se comportou, ficamos a saber o que agrada a Deus, o que Deus quer, o que Deus rejeita. E vemos isso na humanidade de Jesus, porque a divindade não está ao nosso alcance. Precisamente porque a missão de Jesus é dar-nos a conhecer o que não podemos conhecer de outra forma, ou por outro caminho”.**



Para Castillo, **“Jesus é uma representação, um ser pessoal que se identifica com Deus e com quem Deus se identificou. Deus apercebeu-se de que a primeira coisa que precisava fazer para comunicar connosco era humanizar-se”.** Uma profunda humanidade de Jesus que se manifesta na leitura dos Evangelhos, onde se refletem as **“três grandes preocupações de Jesus: a saúde, a alimentação e as relações humanas”.** Por isso é que, explica o teólogo, no Evangelho, Jesus aparece a curar doentes, a distribuir alimento e a acolher a toda a gente, a falar com todos.

É que **“a grande preocupação de Jesus não era saber se as pessoas pecavam mais ou menos, mas se tinham fome ou estavam doentes”**, afirma Castillo. O problema estava no delito, que era algo prévio ao pecado. E isto fez com que **“Jesus entrasse em conflito com os representantes da religião”.**

Mais ainda: **“Jesus apercebe-se de que a religião, tal como funciona, entra em conflito com a felicidade do ser humano. As religiões proíbem que amemos determinadas pessoas, e são exigentes com as coisas da intimidade das pessoas, ao passo que se mostram tolerantes com o dinheiro. Não toleram a igualdade: as religiões dão-se mal com a igualdade, e precisam de estabelecer diferenças: eu posso mais do que tu, e proíbo-te que penses ou digas isso”**, destacou o teólogo.

E, no entanto, **“segundo o Evangelho, a plenitude do divino alcança-se na medida em que nos vamos aproximando da plenitude do humano. E uma pessoa que maltrata o humano, não pode acreditar em Deus.**

**Quem inflige sofrimentos aos outros, não acredita em Deus, acredita numa representação de Deus, concebida por ele, à qual se apega, chegando mesmo a matar, se necessário for.**

Para Castillo, **“o problema da Igreja está no facto de as maiores resistências que teve, desde as suas origens, não terem sido contra o divino, mas, surpreendentemente, contra o humano”**, sublinhou Castillo, recordando os principais conflitos dos primeiros séculos do Cristianismo, e os grandes temas que, ainda hoje, agitam o debate intereclesial: desde a homossexualidade, à desigualdade entre homens e mulheres, e também à escravidão. **“Sabem quando é que a Igreja condenou a escravidão? Com Gregório XVI, a meados do século XIX”**.

**“É curioso que, na Europa, os países mais praticantes sejam os do sul, os de maior religiosidade, observância e tradição... que são também os países mais corruptos. E, pelo contrário, os países onde há menos religiosidade, ritualismo e clericalismo são os países onde esta mácula que sofremos e nos envergonha, nem sequer lhes passa pela imaginação”**.

**“Por que razão o Vaticano, até agora, ainda não subscreveu os acordos internacionais para a aplicação dos Direitos Humanos?”** denunciou Castillo, que agradeceu todo o trabalho de ensinamento levado a cabo, desde João XXIII, sobre os direitos humanos... na teoria. **“Procurem a palavra ‘mulher’ no Código de Direito Canónico (CDC). Não a encontrarão. Estou convencido de que o CDC é um livro de uma tal violência... Não é que aqueles que o fizeram, ou o defendem, sejam pessoas violentas. São pessoas fiéis à sua religião. E como querem ser fiéis, e preferem que lhes arranquem a pele a verem-se obrigados a perder a sua religião, temos o que temos”**, concluiu.

Num breve período destinado a perguntas, Castillo revelou a sua impressão de que o papa Francisco **“concordaria em muitas coisas comigo, embora não em tudo”**. Em sua opinião, Bergoglio **“é um homem que mudou a imagem do Papado, a ponto de aquela imagem hierática do Papa não ser já facilmente recuperável”**.

**“Neste homem, é a sua humanidade que predomina. É um homem profundamente humano”**, destacou o teólogo, que recordou: **“tudo o que afirmei, sublinhando a humanidade e a misericórdia, também Francisco o abordou já”**. Apesar de tudo, reconheceu que **“uma pessoa que exerce cargos de governação, dificilmente pode colocar em questão determinados princípios, que entrariam em conflito com esse mesmo cargo que desempenha”**.

A última pergunta foi: será que um dia veremos a Deus?. **“Eu acredito na Ressurreição, porque tenho esperança de que a morte não terá a última palavra. E, nesse sentido, posso proclamar a minha fé na ressurreição. Mas certezas... não tenho nenhuma. A minha crença é que ela existe”**, finalizou.

# UMA IGREJA MAIS EVANGÉLICA

**A**o formular as bem-aventuranças, Mateus, diferentemente de Lucas, preocupa-se em traçar as linhas que não de caracterizar os seguidores de Jesus. Daí a importância que têm para nós nestes tempos em que a igreja há de ir encontrando o seu próprio estilo de vida no meio de uma sociedade secularizada.

Não é possível propor a Boa Nova de Jesus de qualquer forma. O Evangelho só se difunde a partir de atitudes evangélicas. As bem-aventuranças indicam-nos o espírito que há de inspirar a atuação da Igreja enquanto peregrina a caminho do Pai. Temos de as escutar em atitude de conversão pessoal e comunitária. Só assim poderemos caminhar para o futuro.

**Ditosa a Igreja** «pobre de espírito» e de coração simples, que atua sem prepotência nem arrogância, sem riquezas nem esplendor, sustentada pela autoridade humilde de Jesus. Dela é o reino de Deus.

**Ditosa a Igreja** que «chora» com os que choram e sofrem ao ser despojada de privilégios e poder, pois poderá partilhar melhor a sorte dos perdedores e também o destino de Jesus. Um dia será consolada por Deus.

**Ditosa a Igreja** que renuncia a impor-se pela força, a coação ou a submissão, praticando sempre a mansidão do seu Mestre e Senhor. Herdará um dia a terra prometida.

**Ditosa a Igreja** que tem «fome e sede de justiça» dentro de si mesma e para o mundo inteiro, pois procurará a sua própria conversão e trabalhará por uma vida mais justa e digna para todos, começando pelos últimos. A sua ânsia será saciada por Deus.

**Ditosa a Igreja** compassiva que renuncia ao rigorismo e prefere a misericórdia antes que os sacrifícios, pois acolherá os pecadores e não lhes ocultará a Boa Nova de Jesus. Ela obterá de Deus a misericórdia.

**Ditosa a Igreja** de «coração limpo» e conduta transparente, que não encobre os seus pecados nem promove o secretismo ou a ambiguidade, pois caminhará na verdade de Jesus. Um dia verá Deus.

**Ditosa a Igreja** que «trabalha pela paz» e luta contra as guerras, que junta os corações e semeia a concórdia, pois contagiará a paz de Jesus que o mundo não pode dar. Ela será filha de Deus.

**Ditosa a Igreja** que sofre hostilidade e perseguição por causa da justiça sem evitar o martírio, pois saberá chorar com as vítimas e conhecerá a cruz de Jesus. Dela é o reino de Deus.

**A sociedade atual necessita conhecer comunidades cristãs marcadas por este espírito das bem-aventuranças. Só uma Igreja evangélica tem autoridade e credibilidade para mostrar o rosto de Jesus aos homens e mulheres de hoje.**

**JOSÉ ANTONIO PAGOLA**

Tempo Comum, 4 – A (Mateus 5, 1-12)